

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**O EMPREENDEDORISMO DE SI E O NOVO HOMO
OECONOMICUS:
DISCUSSÕES SOBRE TRABALHO, SUBJETIVIDADE E
CLÍNICA.**

VALMIR DORN VASCONCELOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Orientador (a): Prof. Dra. Fernanda Spanier Amador

Porto Alegre, 03 de dezembro de 2015.

VALMIR DORN VASCONCELOS

**O EMPREENDEDORISMO DE SI E O NOVO *HOMO*
OECONOMICUS: DISCUSSÕES SOBRE TRABALHO,
SUBJETIVIDADE E CLÍNICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia -Habilitação Psicólogo- do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Prof.^a Dra. Fernanda Spanier Amador

Prof.^a Orientadora: Fernanda Spanier Amador

Porto Alegre, 2015

Empreendedorismo de si e o Novo *homo Oeconomicus*: Discussões sobre trabalho, subjetividade e clínica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia-Habilitação Psicólogo- do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Spanier Amador

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Spanier Amador

Prof.

Prof.

Porto Alegre, 2015

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores, colegas e profissionais que me ajudaram nessa trajetória de formações e deformações de conceitos de vida, desnaturalizações, abrindo linhas de fuga, dando condições de possibilidade de novos territórios existenciais possíveis.

Agradeço a todos meus amigos, em especial ao Gabriel, Johhny, Kiko, Cícero, Duda, Luiz, Digo, Jean, Roberto e Henrique por tornar essa vida uma aventura que sem vocês não teria menor graça. Agradeço as pessoas do Coletivo Profanações por compartilhar experiências que levarei comigo o resto da vida.

Agradeço a minha família pelo apoio ao longo desses seis anos. A minha mãe que me incentivou, me ajudou e tornou tudo isso possível, sempre acreditando no meu potencial. Agradeço ao meu pai que estava lá quando eu precisava.

Agradeço a minha orientadora, que nessa reta final especialmente acreditou nesse trabalho e me auxiliou proporcionando um potencial no que eu gostaria de dizer.

Agradeço a minha companheira Fran, pelo amor, carinho e dedicação e por aguentar minhas loucuras cotidianas. Sem você, nada disso seria possível. Obrigado por compartilhar sua vida comigo

“A ontologia crítica de nós mesmos tem de ser considerada certamente não como uma teoria, uma doutrina e sequer como um corpo permanente de conhecimento que está em acumulação; ela tem de ser considerada como uma atitude, um éthos, uma vida filosófica na qual a crítica daquilo que somos é, ao mesmo tempo, a análise histórica dos limites que nos são impostos e um experimento com a possibilidade de irmos além deles.”

Michel Foucault.

Resumo

A experiência de escutar os trabalhadores geralmente nos leva a perceber repetições de discursos que dizem algo de uma formação subjetiva específica dos sujeitos. Dentro dessas repetições, não raras vezes, aparecem palavras como *networking*, competências, empreendedorismo, proatividade, custo-benefício, palavras essas que são empregadas, geralmente, nas empresas e que são usadas pelos trabalhadores para descrever sua vida e avaliar seus conflitos. Nesta direção, perguntamos: como um sujeito se torna uma empresa? A partir disso, este trabalho tem como objetivo discutir os processos de subjetivação no trabalho e seus novos arranjos de forças no contemporâneo a partir de fragmentos e histórias de trabalhadores de uma organização pública do município de Porto Alegre. Buscamos, ainda, ferramentas para um olhar crítico-clínico do Psicólogo do Trabalho, inspirando-nos nos estudos de Michel Foucault, especialmente em sua concepção de novo *Homo Oeconomicus*, o empreendedor de si mesmo.

Palavras-chave: *Homo Oeconomicus*; Trabalho; Subjetividade; Clínica

Abstract

The experience of listening to workers generally leads us to notice discursive repetitions that say something of a specific subjective formation of the subjects. Within these repetitions, words often appear such as networking, skills, entrepreneurship, proactivity, cost-effective, words that are generally employed in the companies and are now used by workers to describe their lives and evaluate their conflicts. In this direction, we ask, how does a subject becomes an Enterprise? From this, this paper aims to discuss the subjective processes at work and your new arrangement of forces in the contemporary, from fragments and stories of employees of a public organization in the city of Porto Alegre. We seek also tools for a critical-clinical look to the Labor Psychologist, inspiring us in the studies of Michel Foucault, especially in his conception of new *Homo Oeconomicus*, the entrepreneur himself

Keywords: *Homo Oeconomicus*, Work, Subjectivity, Clinic

Sumário

Introdução.....	9
1. Trabalho e Subjetividade: Das organizações do trabalho até o <i>Homo Oeconomicus</i>.....	12
1.1 As mudanças e os novos modelos de gestão da subjetividade.....	12
1.2 O Nascimento do <i>Homo Oeconomicus</i> : leituras da obra de Foucault.....	17
1.2.3 Das concepções de Economia até o <i>Homo Oeconomicus</i>	20
2. Diário de Campo de um Estagiário: Escuta de um servidor público pela equipe de saúde.....	26
3. Clínicas do trabalho como desvio.....	29
4. Considerações finais.....	33
Referências.....	35

Introdução

Este trabalho é escrito a partir de nossa atuação como estagiário no período de dois anos em um setor de Saúde e Segurança do Trabalhador em uma empresa pública de Porto Alegre. Dentre nossas atividades, coordenávamos grupos, participávamos de palestras, de reuniões, de interconsultas com outros profissionais de Psicologia, articulavam-se redes de saúde, e, principalmente, exercia-se atividades de escuta do trabalhador, quando esse procurava por motivos diversos, entre eles, por situações de sofrimento no trabalho. A experiência de escutar os trabalhadores geralmente nos leva a perceber repetições discursivas, que dizem de algo de uma formação subjetiva específica dos sujeitos. Dentro dessas repetições, não raras vezes palavras como *networking*, competências, empreendedorismo, proatividade, custo-benefício eram empregadas, palavras essas geralmente encontradas no campo das empresas e da economia e que, agora, aparecem, corriqueiramente, entre os trabalhadores para descreverem sua vida e para avaliar seus conflitos.

Esses discursos também são marcas de uma realidade institucional no contexto de mudanças da organização do trabalho que caracterizam a reestruturação produtiva e, muitas vezes, analisados no escopo da precarização do trabalho, por sociólogos e psicólogos do trabalho. Palavras e repetições que expressam modos de trabalhar e se subjetivar em um processo marcado pela arte liberal de governar, que nos leva a perguntar: Que sujeito é esse? Como um indivíduo vê a si mesmo como empresa?

Nesta direção, os estudos de Michel Foucault são intercessores importantes para entendermos como se produz o “*Homo Oeconomicus*”, aquele que empreende a si mesmo e sua relação com o trabalho e os processos de subjetivação

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) inscreve-se na linha de estudos no campo de Subjetividade e Trabalho, aquele que se ocupa dos “modos como os sujeitos vivenciam e dão sentido às experiências de trabalho, assim como a forma que as relações e os contextos de trabalho produzem determinados modos de constituição dos sujeitos” (TITTONI & NARDI, 2011).

Alguns conceitos são operadores-chave deste TCC, dentre eles, o de Trabalho. Afirmamos que ele pode ser derivado desde uma perspectiva de *Ergón*-ação, trabalho- ou *Pónos*- trabalho ou fadiga- ou até mesmo *tripallium* provenientes do latim para tortura, punição e sofrimento (ANTUNES, 2011) desde sua dimensão positiva até sua negatividade. Dentro dessas perspectivas, uma das mais conhecidas é a de Marx que toma o trabalho como

importante meio pelo qual o ser humano modifica a natureza, mas que em virtude de uma sociedade capitalista, foi exaurido de seu sentido se reduzindo a uma exploração de força de trabalho. Schwartz et al. (2007), definem trabalho como atividade humana que não podemos prever, que renegocia normas que foram antepostas, afirmando que para entendê-lo, devemos assumir uma posição de desconforto intelectual por não sabermos como os trabalhadores efetivamente criam e recriam o que produzem, reforçando a necessidade de uma posição ética de trabalharmos **com** ele em lugar de trabalharmos **sobre** eles.

Outro conceito-operador-chave é o de escuta, considerando-se as considerações sobre crítica e clínica que aqui desenvolvemos. Enquanto a escuta é historicamente tomada pelas disciplinas, entre elas as *psi*, capazes de desvelar essências como técnicas sofisticadas de extração da verdade, propomos nos aproximar da perspectiva genealógica que não busca uma verdade universal a ser revelada. Em lugar disto, busca um forte aliado que nos faz perceber como as diferentes práticas de escuta se articulam com as experiências que fazemos de nós mesmos no contemporâneo (ARANTES, 2012). Queremos, portanto, partir das mudanças da organização do trabalho e dos processos de subjetivação que alteram a gestão e experiência do trabalho no contemporâneo para entendermos a clínica do trabalho desde um ponto de vista crítico (AMADOR & BARROS, 2011), entendendo por crítica uma prática de problematização das verdades constituídas e de abertura a emergência de novos arranjos existenciais (FOUCAULT, 2005; DELEUZE & GUATTARI, 1997) Isto, porque acreditamos que as alterações nas vidas dos trabalhadores estão relacionada com a emergência de discursos gerenciais (MORO & AMADOR, 2014) que tentam produzir o Empresariamento da Vida (AMBRÓSIO, 2011).

A primeira parte desse estudo destina-se a discussão do eixo teórico trabalho e subjetividade e uma revisão de literatura da obra foucaultiano em busca de outras pistas para entendermos as mudanças no âmbito da gestão e da experiência do trabalho no contemporâneo. Para isso, serão abordados as novas configurações de trabalho e sua relação com os processos de produção de subjetividade, desde que ponto pretendemos analisar para então discutir o surgimento de sujeitos-empresas. A partir daí, pensamos de que modo Foucault pode nos ajudar para entendermos essas novas racionalidades através de seus principais conceitos como disciplina, biopolítica governamentalidade, além de sua concepção de Economia e do surgimento do *Homo Oeconomicus* em sua obra, assunto que tem ganhado interesse na última década no Brasil.

A segunda parte deste TCC trata de um relato de experiência escrito em nosso período inicial de estágio quando, então, essas questões se colocaram. Tal relato aborda a experiência de escuta de um servidor que tinha como característica o discurso empreendedor.

A terceira parte pretende articular essa escuta a um exercício teórico sobre trabalho, subjetividade e clínica e os contextos que elas acontecem na nossa contemporaneidade, em busca de linhas de fuga possíveis para uma leitura acontecimentalizadora¹ tanto do trabalho quanto do trabalhador.

1 Acontecimentalizar o trabalho, *conforme proposto pela leitura de Amador e Barros (2009)* “[...]é perseguir sua desnaturalização, é insistir em suas descontinuidades para propiciar a ruptura do evidente, a emergência das singularidades, é apostar em uma política da singularidade. É [...] uma analítica das práticas que se imiscuem por entre estratégias de saber-poder, de enunciados e visibilidades que ultrapassam os esforços analíticos de suas relações de subalternização às distorções da ideologia, [...]. É tramar a urdidura sempre emergente em uma certa correlação de forças sociais produtora de discursividades que, enquanto práticas, amarram os trabalhadores em uma microfísica de poderes por eles mesmos desejada e alimentada (p.24)

1. Trabalho e Subjetividade: Das organizações do trabalho até o *Homo Oeconomicus*

(...) *O neoliberalismo é um movimento ideológico em escala verdadeiramente mundial, como o capitalismo jamais havia produzido no passado. Trata-se de um corpo de doutrina coerente, autoconsciente, militante, lucidamente decidido a transformar todo o mundo à sua imagem, em sua ambição estrutural e sua extensão internacional. Eis aí algo muito mais parecido ao movimento comunista de ontem do que o liberalismo eclético e distendido do século passado.*

Perry Anderson (1995, p.22)

1.1 As mudanças e os novos modelos de gestão da subjetividade

Não foram poucos os momentos em que estranhemos aquilo que escutávamos, de discursos nos quais os trabalhadores usavam, para falar de si, de seu cotidiano e das suas relações de trabalho, conceitos tais como *marketing*, administração, discursos de empreendedorismo e inovação. Em contrapartida, esses trabalhadores não vinham falar de teoria, essas pessoas se encontram ou se encontravam em situações de sofrimento, buscando o serviço desde questões pessoais até as decorrentes da organização do próprio trabalho. Não foram poucos, também, os que me procuraram, pessoas como o João (*que vocês, leitores, poderão conhecer no capítulo 2*), pessoas que vestiam a camiseta de “Eu sou a Empresa”, que entendiam como reconhecimento do trabalho o dinheiro que recebiam, que se sentiam isolados, que procuravam técnicas para aceitar seu trabalho e pessoas que falavam de si como se fossem empresas.

Ao mesmo tempo a empresa passava por mudanças: A tão conhecida “reestruturação produtiva”, que tinha como objetivo tornar o trabalho mais barato com número reduzido de pessoas, porém com intenso regime de trabalho. Ocorreram terceirizações em diversos serviços, os trabalhadores tiveram sua carga de trabalho aumentada, setores mudaram de nome, além do que, metas coletivas foram criadas com análises individuais de desempenho, os trabalhadores começaram a ser chamados de “colaboradores” e, por fim, criou-se um regime de participação de lucros. Era de se estranhar, mas uma instituição pública obtinha lucros.

Percebemos, também, que se investia cada vez mais na importação de modelos de empresas privadas de organização e gestão do trabalho, entre eles os programas de qualidade total, os programas de *on-the-job training*, as estratégias de organização japonesas, passando

pelos constantes investimentos em palestras sobre Empreendedorismo e Neurolideranças, até aulas para os servidores e estagiários se prepararem para o mercado competitivo. Podemos analisar que esses investimentos em saberes e técnicas tinham como objetivo sustentar as modificações nos modos de fazer funcionar o trabalho mediante operação de mudanças subjetivas nos trabalhadores.

Algumas dessas mudanças neste sentido merecem destaque especial, principalmente, os modos como o trabalho vai se organizar e como os trabalhadores serão entendidos por Tittoni e Nardi (2011); Lapís (2011); Baulmgartem e Holzmann (2011) e demais pensadores que analisam o trabalho no contemporâneo.

Os processos de reestruturação produtiva surgiram a partir da década de 70 após diversas crises da produtividade industrial que tinham como modelo o Taylorista-Fordista. O regime de acumulação flexível aparece como resposta às taxas de juros elevadas, às diversas greves como os movimentos de maio de 68, à crise do petróleo e frequentes críticas a um Estado de Bem-Estar Social² e a seu intervencionismo na economia³.

Em resposta a essas crises, Margaret Thatcher e Ronald Reagan começaram a implantar novas políticas de governo baseadas em estudos de economistas como Hayek e Friedman (LAPÍS, 2011) e suas propostas conhecidas como Neoliberalismo, que resultaram na diminuição dos direitos trabalhistas, elevadas taxas de desemprego, aumento de trabalho informal e terceirizado, privatização de empresas estatais e o enfraquecimento dos sindicatos dos trabalhadores.

O modelo “antigo” de organização científica, propostos por Ford e Talyor, tinha como princípios encontrar a pessoa certa para o lugar certo, consistia em um trabalho parcelado, repetitivo, simplificado, especializado cujo ritmo é determinado pela esteira e não pelos trabalhadores e permeados pela vigilância constante e práticas de disciplina e controle. (LAPÍS, 2011). Esse modo de organização laboral *“[...]desencadeou estratégias de resistência por parte dos trabalhadores, as quais se manifestaram em greves, alta rotatividade, sabotagens e absenteísmo, ocasionado maiores custos para o capital[...]”*

2 Estado de bem-estar social, Estado-providência ou Estado social é um tipo de organização política e econômica que coloca o Estado como agente da promoção social e organizador da economia. Nesta orientação, o Estado é o agente regulamentador de toda a vida e saúde social, política e econômica do país em parceria com sindicatos e empresas privadas, em níveis diferentes de acordo com o país em questão. Cabe, ao Estado do bem-estar social, garantir serviços públicos e proteção à população (SCHUMPETER, 1909)

3 John Maynar Keynes foi um economista britânico que defendeu uma política econômica de estado intervencionista, através da qual os governos usariam medidas fiscais e monetárias para mitigar os efeitos adversos do capitalismo. Algumas dessas políticas foram as parcerias entre o Estado, o sindicato e as empresas.

(LAPÍS, 2011, p.28). Era necessário tornar o trabalho mais dinâmico, “flexível” e simultaneamente combater estratégias de resistência que se manifestavam no corpo dos trabalhadores.

Já as novas modalidades de organização do trabalho requerem um novo tipo de trabalhador: que ele seja polivalente, capaz de desempenhar tarefas complexas, de circular entre diversos postos de trabalho e de operar diferentes máquinas. (BAULMGARTEM & HOLZMANN, 2011) O trabalho passará ter como foco atingir metas da empresa, sejam quais forem os meios necessários. O trabalhador passará ser enxergado como “colaborador”, uma prática que objetiva fazer o empregado se comprometer com as demandas da empresa e que tem como “efeito alguém que incorpora novos repertórios de discursos e conceitos em suas competências”.(LAPÍS, 2011). Além disso, chamar o operário de colaborador faz como assalariado se identifique mais com a empresa do que o colega de semelhante situação

Então, em nome da “flexibilidade” das estruturas rígidas, opta-se por uma série de estratégias com objetivos de modificar a centralidade do trabalho, como ele é avaliado e principalmente como o trabalhador vai perceber a si mesmo, em busca empresas e sujeitos que se adaptem as mudanças mercado global competitivo. Isso se opera por meio de saberes e discursos gerenciais (MORO & AMADOR, 2014), Saberes ADM (SOUZA, 2013) e pelo Empresariamento da vida (AMBRÓSIO, 2011).

No discurso trata-se de uma ode ao trabalho criativo e de pertença a empresa com os conceitos de empreendedorismo e inovação. Na prática, resulta na criação de novas subjetividades e meios de dominação, com suas implicações na exigência de flexibilização da vida em nome das demandas trazidas pela empresa.(TITTONI & NARDI, 2011)

Frente a isso, Tania Maria Gali Fonseca e colaboradores (2008) nos trazem importantes apontamentos o que está em jogo nessas novas relações de trabalho.

“Nesse novo contexto, o que as organizações buscam no trabalhador não é mais a força, conforme ressaltava o conceito de "força de trabalho", nem o controle do corpo obediente (o corpo dócil e disciplinado, examinado por Foucault); mas a "alma" - as produções do espírito, como o conhecimento, a criatividade, a inteligência, o engajamento subjetivo, a responsabilidade -, conforme observam Negri e Hardt (2001, p. 11) a respeito da transição do fordismo ao pós-fordismo: "Não é mais um corpo que pode ser posto a trabalhar, não é mais uma alma que pode viver independentemente de valores e paixões. Desta vez é a alma que é posta a trabalhar, e o corpo, a máquina são seu suporte".(p. 505)

O que está em jogo, portanto, não é o corpo e a capacidade laborativa do trabalhador, mas trata-se de um forte investimento para que ele seja flexível, se autoproduza, invista em si mesmo, inove, empreenda. Lógicas que “impõem um modelo de trabalhador que deve ser seguido [...]” (NARDI & TITTONI, 2011. p. 376).

O que o Capital vai se interessar é na produção de subjetividade. Veremos então, que por uma série de conjunto de práticas e discursos imbricados em relações de poder e de verdade, haverá uma tentativa de produção de um sujeito indissociável da empresa e de seus processos econômicos, implicando mudanças no âmbito da gestão e da experiência do trabalho que agora será regulado pelo mercado neoliberal.

Assim, os efeitos do neoliberalismo no cotidiano das organizações de trabalho, sejam públicas ou privadas, tem sido nefastos gerando, sobretudo, fragilidade dos coletivos de trabalhadores, sofrimento e adoecimento, configurando um quadro de precarização ética (SELIGMANN-SILVA, 2011), pelo qual as pessoas vão naturalizando as táticas de produção e de reprodução da dominação entre si nos contextos de trabalho. É neste lastro que trabalhadores e trabalhadoras vem se subjetivando, isto é, produzindo modos de pensar, de sentir e de agir, historicamente situados.

Imersos nessa compreensão existem diversos estudos na psicologia e sociologia do trabalho como os de Heloani (2005) e Soboll (2008) que problematizam os modelos de gestão do trabalho e suas influências na saúde do trabalhador e a relação desses modos de organizar o trabalho com práticas sistemáticas de isolamento, ataque ao reconhecimento, desqualificação do trabalho e de “assédio moral”, que é consequência de lógicas individualistas e competitivas estimuladas em prol da produção de capital.

Neste ponto, Dejours e sua escola de Psicodinâmica do trabalho (LANCMAN & SZNELWAR, 2011) procuram na instauração de coletivos como defesas a esses sofrimentos, visando a diminuição de psicopatologias.

Outros estudos optam por cartografar e compreender esses processos, de como essas mudanças operam na subjetividade e no trabalho pelo viés da filosofia da diferença, a exemplo das pesquisas de Moro e Amador (2015); Amador e Barros (2011) Louzada, Barros, & Camargo (2014) e Fonseca et al. (2008). Esses trabalhos estão articuladas aos estudos do campo das Clínicas do Trabalho, entre elas a Ergologia (SCHWARTZ et al., 2007) e da Clínica da Atividade.(CLOT et al., 2005).

Tendo em vista as considerações levantadas a respeito do Neoliberalismo, Restrução Produtiva e nossa aposta nas Clínicas do Trabalho como espaços de debates de valores e normas que possibilitam aberturas para a singularidade, nos interessa também outra orientação de análise sobre trabalho no contemporâneo: romper com a dicotomia do paradigma sujeito/trabalho e dar passagem ao paradigma subjetivação/práticas sociais, no qual o trabalho converte-se em mais um vetor de produção subjetiva. Analisar essas produções de subjetividade, portanto, implica ao modo os sujeitos se produzem e se situam

em meio aos jogos de verdade, considerando as formas de sujeição e as estratégias de resistência possíveis (NARDI & TITTONI, 2011).

Mas como um sujeito se torna uma empresa, e principalmente, como contribuímos para isso, mesmo sem perceber?

Convido o leitor, então, a voltarmos a mais ou menos 36 anos atrás em busca de pistas, em uma certa palestra do então professor de filosofia: Michel Foucault. Seu pensamento nos interessa para a discussão de trabalho e subjetividade principalmente onde ele analisa o neoliberalismo em o Nascimento da Biopolítica (FOUCAULT, 2008^a), em que podemos encontrar alguns elementos para questionar nossa “escuta” junto aos trabalhadores, bem como a nós mesmos, como psicólogos.

A direção de seus estudos nos leva a atentar para uma genealogia, uma história dos regimes de verdade que criam o que antes não existia, conceitos que são afirmados a partir de práticas reais que são avaliados entre verdadeiro ou falso, regimes de saber-poder criadores de modos específicos de vida, tais como a loucura, a doença, a delinquência e a sexualidade. Os estudos de Foucault partiam de como esses regimes de saber-verdade, discursos imbricados em relações de poder, produziam determinados modos de enxergar a natureza humana, modos de uma particular formação de subjetividade e de maneiras particulares de pensar a política (READ, 2009) “*diferentes modos nos quais, em nossa cultura, seres humanos são feitos sujeitos*” (FOUCAULT, 1995 p. 231). Um sujeito-empresa, a partir desta perspectiva, não será diferente.

Inspirados nesta perspectiva genealógica, para analisar os modos como sujeitos se tornam empresas, não se trata neste TCC, então, de tomar essas produções conceituais de um determinado tipo de razão para defini-las como boas ou ruins, como erros de nossa sociedade ou como ilusões de uma ideologia que devem ser dissipados racionalmente por uma verdade irrefutável (FOUCAULT, 2008a) mas sim, de enunciar um conjunto de práticas coordenadas por regimes de verdade que dão condições de existência a um novo tipo de sujeito, que é esse que vê casamentos, crimes, gastos com as crianças através de um pensamento de custo-benefício (READ, 2009), que torna a vida e suas escolhas, a grosso modo, como objeto de estudo de uma análise econômica (FOUCAULT, 2008a p. 366). Esses mesmos indivíduos que são prescritos como trabalhadores-empresa e por isso empreendem a si mesmo: O novo *Homo Oeconomicus*.

Optamos por trazer para aquele que pacientemente leu esse texto até agora, um encontro, um acontecimento. Um ano depois dos atendimentos de diversos trabalhadores permeados por esses discursos econômicos e empreendedores de si, encontramos-nos com

esse livro vermelho, e ficamos curiosos para saber de que forma essa leitura causaria ressonância em você, leitor. Peço então que seja um tanto mais paciente e que nos acompanhe no percurso de nascimento do *Homo Oeconomicus* na obra foucaultiana.

1.2. O nascimento do *Homo Oeconomicus*: leituras da obra de Foucault

Compreender como a leitura do *Homo Oeconomicus* vai aparecer na obra foucaultiana implica situar-se em sua linha de pensamento. Dentro de sua produção conceitual, destaca-se a questão das relações de poder, do poder Disciplinar, da Biopolítica e sua concepção de *Governamentalidade*, imersos em um projeto de mão dupla: de um lado, seu interesse pela racionalidade política e pela “Genealogia do Estado” e, de outro, seu interesse pela questão da ética e pela “Genealogia do Sujeito” (LEMKE, 2002 apud: DANNER, 2011 P. 63).

O que pretendemos com Foucault é a busca por alternativas para uma analítica da subjetividade que não se reduza aos processos macroeconômicos ou pela análise jurídico-liberal do Poder exercido pelo Estado. Ele propõe, então, um modelo de rede de relações de poder, uma microfísica do poder, que por meio de práticas cotidianas situadas historicamente produzem determinadas concepções de verdade e novos saberes. O caráter relacional do poder pressupõe, então, que ele não poderia ser propriedade de formas como o Estado, empresas e padrões, mas que pertencia ao campo das forças (CANDIOTTO, 2010).

Outras considerações sobre a problemática do poder é entendê-lo a partir de sua positividade em contrapartida a concepção negativa de violência e coerção. A coerção e a violência, para o filósofo, agem nos corpos enquanto objeto, enquanto as relações de poder vão agir sobre as condutas dos indivíduos, “*uma ação sobre ações possíveis*” (FOUCAULT, 1995 p.243). Tomar o poder como positividade é compreendê-lo pelo seu caráter germinativo, resultante do embate de forças e formas, produzindo novos saberes, novas realidades e novos sujeitos. Outra diferença entre Coerção e poder é que não há relações de poder sem a possibilidade de resistência (FOUCAULT, 1976).

As relações de poder só atingem seu estatuto de Verdade a partir de sua relação com o Saber que elas mesmas produzem. Esse jogo de saber-poder-verdade cria concepções de vida que antes não existiam, considerando a inexistência de conceitos universais e naturais. Foucault busca no método Genealógico uma maneira crítica de desmontar através da enunciação de práticas discursivas que passam a ter o valor de real, operando sua desnaturalização. Ao longo de sua obra podemos perceber que não há uma dicotomia entre

discursos e coisas produzidas, das formas e das forças: as relações de poder passam a ser imanentes e inseparáveis.

O autor afirma que o poder não assume a centralidade em seus escritos (FOUCAULT, 1995), mas sim, sua pergunta de como através dessa tríade saber-poder-verdade o sujeito é dividido no seu interior em relação aos outros (em que vemos a dicotomia entre o louco e o normal, o delinquente e o “cidadão de bem”, o doente e o sadio) e de como eles passam a ver a si mesmos como indivíduos. Para isso, busca na análise genealógica dos dispositivos punitivos e do surgimento de técnicas de poder disciplinar a partir do século XVIII (FOUCAULT, 1975)

O poder disciplinar surge como uma tecnologia centrada nos indivíduos para produção de corpos dóceis, em sua disposição espacial, em sua vigilância e visibilidade, um dispositivo que inicialmente cumpre a função de se tornar mais eficaz e menos oneroso (e não mais humano) de punir melhor (SANTOS,2013). Essas técnicas não eram operadas apenas pelo soberano ou pelo Estado, mas por uma série de instâncias de captura - como a prisão, o exército, a escola, o hospital e as fábricas- e que não operam pelas leis ou pelas regras, mas pela “Norma” (normalização) com o propósito de examinar, comparar, diferenciar, hierarquizar, homogeneizar, classificar, corrigir e excluir esse corpo em que age. O efeito do dispositivo disciplinar não se restringe na produção corpos dóceis, mas tem como consequência o surgimento de saberes sobre esses corpos que atuam, saberes como as ciências humanas.

O controle e o consumo do tempo, no campo do trabalho, foram alvos privilegiados por esse dispositivo disciplinar, tendo em vista que o tempo dos homens seja oferecido para ser comprado por um salário e que fosse transformado em força de trabalho (LOUZADA, BARROS & CAMARGO, 2014). Os modelos de organização laboral taylorista-fordista baseiam-se muito nos saberes e técnicas da integração entre a sanção e a vigilância, estratégias provenientes do que Foucault nomeou de “sociedade disciplinar”, estratégias produtoras de uma ideia atomística do indivíduo moderno como representação ideológica dessa sociedade. (Foucault, 1975).

Contudo, Michel Foucault aprofunda suas análises das instituições disciplinares para entender um novo problema proveniente das mudanças da passagem de uma sociedade feudal para uma burguesa e industrial, entre elas, o grande acúmulo de pessoas nas cidades. Passa a dar mais enfoque na sua análise dos poderes, questões como o Governo e o Estado.

Este problema vai ser percebido para além da capacidade das instituições de controle e do governo dos soberanos. Será preciso a construção de saber sobre algo que passará ser

um campo de intervenção de governo: a população. Para governar, será necessário entender a população e seus problemas de higiene, de saúde, de trabalho, de alimentação, de natalidade, de seus costumes; todo um cálculo necessário para uma arte de governo que passará a ser “racional” através da invenção da estatística, medicina, psicologia e economia.

Se com o poder disciplinar Foucault propunha uma análise dos micropoderes do cotidiano e de práticas que produzem indivíduos em instituições de cerceamento, é com um novo campo de análise chamado Biopolítica ou Biopoder que vai introduzir as questões do Estado Moderno na gestão do ser humano-espécie.

O Biopoder é entendido aqui como composto pelos dispositivos disciplinares e biopolíticos e inteiramente voltado para a expansão e conservação da vida em todas as suas modalidades, um processo simultaneamente totalizante e individualizante, uma dupla perspectiva que intervem na vida das pessoas enquanto indivíduos e a vida das pessoas enquanto membros de uma massa. (GIMENES, 2013)

Segundo Louzada, Barros e Camargo (2014)

O biopoder bifronte é um poder que visa processos de totalização, pois estende seu controle pelos corpos e consciências, extraindo e absorvendo deles sua força para dirigi-los, regulá-los, rearticulá-los e tentar administrar a totalidade das relações sociais, dos fenômenos globais, de massa, sendo, por isso mesmo, avaliado como indispensável para o nascimento e desenvolvimento do capitalismo

Exemplos de modulações biopolíticas no trabalho são estratégias nos fenômenos da população para combater o absenteísmo, intervindo enquanto massa (em campanhas de vacinação contra a gripe, campanhas de combate ao uso de álcool e outras drogas, prescrevendo qualidade de vida) e práticas individualizantes disciplinares (perícias médicas para verificar a veracidade de LTS)

Os termos Biopolítica e Biopoder estão inseridos na discussão da *governamentalidade* em que o surgimento de uma racionalidade de governo dá pistas de como nos governamos e somos governados atualmente. Governo em francês, em seus amplos significados pode ser traduzido como dirigir, dar sentido para o caminho a ser seguido, mas, também, sustentar-se assegurando a subsistência e principalmente, o que diz respeito a conduzir a conduta de alguém (SOUZA, 2013). Governar não é atribuição apenas do governante, ou a relação do estado sobre seus residentes, é um amplo aspecto que compreende o governo dos filhos, das famílias, das comunidades, da alma, inclusive o governo de si. (FOUCAULT, 2008a).

Vimos então como se dá produção de indivíduos influenciados por saberes disciplinares normativos e da sua gestão em populações pelas práticas de biopoder, inseridas na preocupação das mentalidades que legitimam o governo. A análise da biopolítica e da

governamentalidade serão propostas pelo filósofo por um novo campo de produção de verdade, a Economia Política, e que funções históricas ela cumpre na Arte de Governar.

Se Daniel F. Souza afirma (2015), na sua tentativa de estabelecer uma origem filogenéticas do *Homo Oeconomicus*, que há tantos conceitos de Homem econômico quanto existem economistas (p.1), seu argumento é de que seus diferentes conceitos são balizados na inserção do indivíduo na Economia.1.2.1 Das concepções de Economia até o *Homo Oeconomicus*

1.2.3 Das concepções de Economia até o *Homo Oeconomicus*

O *Oeconomicus* de Xenofonte é um escrito grego que narra um diálogo de Sócrates em suas quase sérias tentativas de convencer o preguiçoso e extravagante Crítobulo, da importância de suas tarefas domésticas (NEUMANN, 1971) enquanto esse preferia gastar seu tempo com comédias e atividades não lucrativas. O diálogo gira em torno de fazer Crítobulo não cair nessas armadilhas, se preocupando com o que é necessário para sustentar uma casa (*Oikia*). Para isso, Sócrates usa o exemplo de Ciro e Isômaco, o primeiro que estudou tão bem a arte de governar sua casa que obteve sucesso na carreira militar, e o segundo, fazendeiro, ensina a necessidade de instruir bem sua esposa para que a casa não pereça. Nesse grande tratado de agricultura, matrimônio e de gerenciamento doméstico se retira a máxima de que “O bom economista é capaz de não só administrar bem a sua casa, mas, também, administrar a casa de todo mundo”. (NEUMANN, 1971 p. 239)

Para que seja possível gerir uma casa é necessário administrar o domínio de suas terras, saber o que e como cultivar, instruir seus empregados, vender e comprar como convêm, enfim, recorrer a práticas ora chamadas de Saber (epistême) ora de técnicas (technê) com objetivo de conservar e manter o patrimônio mas, também, do que é necessário para isso, sua a arte de comandar racionalmente (FOUCAULT, 1984a). Ele coloca neste texto, seguindo o exemplo de Ciro, o bom economista-militar, de que a arte política, a arte militar e arte doméstica não possuem grandes diferenças no que é governar, pelo menos no que tangem o governo dos outros (FOUCAULT, 1984a, p. 138). Eis que a discussão será guiada sobre a Casa de Isômaco e a necessidade de disciplinar sua mulher para que seja sua “colaboradora” no gerenciamento dos recursos.

O modelo de conduta ideal aqui defendido era o do fazendeiro em oposição ao artesão, esse nada podia fazer pela *res pública* enquanto o proprietário de terras era o caminho a ser seguido. Para bem governar, era necessário um cuidado de si e uma

temperança frente aos exageros da carne, um olhar e boa conduta sobre seus afazeres domésticos, para então partir para as questões da *pólis*.

Em *Governmentality* (FOUCAULT,1991) é introduzida uma discussão sobre *L'Economique du Prince* de um autor do século XVII chamado François La Mothe Le Vayer destinadas ao futuro herdeiro do trono da França, uma obra pedagógica que apresenta três tipos de formas de que são necessárias para governar, cada um com seus princípios: (1) o governo de si mesmo, que compete ao princípio da moral; (2) a arte de governar uma família como convém, que pertence à economia; (3) e enfim a ‘ciência de bem governar’ o Estado, que pertence à política. (DANNER,2011; SANTOS, 2013). Reaparece à questão de que é preciso governar bem a si mesmo, seguido de sua família e bens, para ter condições de governar uma nação.

Segundo Danner (2011) o objetivo de Foucault estudando essa obra era responder a pergunta “como introduzir o sábio governo da família, economia, no âmbito do Estado?” (FOUCAULT,1991 p.90). Esse problema é retomado por Rousseau Na *Economia Política*, onde define Economia como “sábio e legítimo governo da casa, visando o bem comum de toda a família” e da necessidade de estender esse governo para a grande família que é o Estado, posição essa compartilhada por François Quesnay no século XVIII, para quem o bom governo é essencialmente o econômico. Governar um estado passa pela aplicação da economia em um nível maior, o que significará exercitar sobre seus habitantes, sobre a riqueza e sobre o comportamento de todos uma forma de vigilância e de controle tão atenta quanto aquela que a cabeça de uma família tem sobre seu lar e sobre seus bens (FOUCAULT, 1991). Aos poucos, pela economia, é dito ao soberano que não se governa o território, mas o “que se governa são sempre as pessoas, são homens, os indivíduos e as coletividades.” (FOUCAULT, 2008b. p. 164)

Entre essas duas perspectivas que tinham a Economia como sabedoria da casa, existia um período histórico considerável, diferentes ainda por um proto-pensamento biopolítico proveniente primeiras unidades governamentais: O poder pastoral. Esse começou a ser organizado no oriente pré-cristão, reatualizados pela religião católica e aplicado no Estado Moderno, como forma de polícia (AMBRÓZIO, 2011 p. 63). O poder pastoral tinha como objetivo a salvação das ovelhas, conduzindo e produzindo conduta, enxergando um animal frente ao seu rebanho, processos massificantes e individualizantes, com uma nova concepção de sujeitos separados de coletivo que os gregos não admitiam (SOUZA, 2013 p.403)

A Economia Política passa a cumprir função como limitador interno ao Estado da arte de governar, para atingir objetivo limitado da racionalidade estatal que é a manutenção e

a existência da nação (FOUCAULT, 2008a). Enquanto o Direito (limitador externo) vai dizer o que é legítimo ou ilegítimo fazer, um governo guiado pela Economia vai se preocupar o que é hábil ou inábil governar.(SANTOS, 2013 p. 90).

Simultaneamente existia outra racionalidade que visava dar conta dos princípios ilimitados de uma arte de governar: o Estado de Polícia (*Politzestaat*) controlando as condutas da população, seu fluxo, seu ócio, suas doenças; um controle exacerbado da vida cotidiana através da produção de “ocupação”, com a ideia de que os trabalhadores propiciem e contribuam para o desenvolvimento das forças do Estado (SANTOS, 2013 p. 74)

Entre essas forças antagônicas da Polícia e da Economia, Foucault (2008) começa a nos trazer pistas de como surgiria na história do pensamento humano uma racionalidade de um sujeito definido por seus interesses egoístas:

O que o empirismo Inglês - digamos, aquele que aparece grosso modo com Locke" -, [...] sem dúvida pela primeira vez na filosofia ocidental, é um sujeito que não é definido nem pela sua liberdade, nem pela oposição entre alma e corpo, nem [...] pelo Pecado, mas um sujeito que aparece como das opções individuais, ao mesmo, tempo irredutíveis e intransmissíveis (FOUCAULT, 2008a, p. 370-371)

Esse tipo de compreensão de sujeito vai cumprir um papel importante na resignificação do papel da Economia Política no Governo do Estado, pois deve-se governar agora pelas lógicas de um *Homo Oeconomicus*, sujeito de interesses individuais. Em nome de sua “liberdade” é preciso deixar-fazer, que as pessoas sigam a lógica natural de seus interesses perpassados pela mão invisível do Estado. Se para o Estado de Polícia (que tem racionalidades semelhantes a um *Welfare State no século XX*) nunca se governa de mais, já o Liberalismo diz que não se deve deixar governar (SANTOS, 2009).

O *Homo Oeconomicus* de Smith e Ricardo aparece como sujeito de interesse que jamais deveria deixar de procurar realizá-los, ao contrário de um sujeito de direito que renuncia seus direitos naturais pelo contrato social coletivo. É um sujeito que deve ser egoísta, por entender que os interesses coletivos se manifestam pelos interesses de cada indivíduo, portanto, a partir de sua própria vontade (GUARESCHI, 2010). Era ao mesmo tempo aquele que precisava trabalhar, aquele que tinha que se haver com a carência de recursos e por isso era um sujeito de troca (SANTOS, 2013 P.103), trocando seu tempo e força de trabalho por dinheiro em uma sociedade industrial e vendo interesses nos coletivos.

No entanto, o governo Liberal é consumidor de “liberdade”, mais um determinado tipo de liberdade produzida (a liberdade de mercado, por exemplo), sendo necessário que exista algum tipo de governo dos “agentes econômicos”, para que essa liberdade não seja prejudicial aos interesses coletivos. Este governo que se dá inicialmente por dispositivos

disciplinares produtores de segurança e identidade, posteriormente, em sua fase neoliberal, vai se associar a novas estratégias biopolíticas para dar conta das condutas das populações para além do Estado de Polícia.

Frente ao problema das condutas da população, a crescente intervenção do Estado de Bem-Estar social nas liberdades econômicas por políticas Keynesianas, influências do pós segunda guerra e uma crescente Fobia do Estado; alguns pensadores na Alemanha – conhecidos por Foucault (2008a) como Ordoliberais - reposicionaram o papel da Economia Política: em vez de limitar as ações do Estado, era necessário saber como fazer um Estado a partir da economia. “É necessário governar para o mercado, em vez de governar por causa do mercado” (FOUCAULT, 2008a p. 165).

Os Ordoliberais vão propor uma sociedade que não tem o modelo um indivíduo de interesses naturais, ou o exercício de um governo familiar, mas sim uma sociedade regulada pela dinâmica das empresas, produzir na subjetividade um jogo de mercado, regulando a vida a partir da produção artificial da concorrência nos interesses individuais. Passam a idealizar e produzir os indivíduos como aqueles que se relacionam com outras instituições, pessoas e famílias como empresas, concorrendo e autoregulando a si mesmos.

A Economia Política teve que se desprender do modelo doméstico que foi originado visando dar conta de gerir a população. Visando dar conta de uma gestão de muitos sujeitos de interesse, não seria mais na família que se retiraria o modelo de conduta de governo, mas o local que a economia como ciência do Estado deveria intervir (CANDIOTTO, 2010) procurando nela saberes sobre seus costumes, sexualidade e interesses.

Diante dessas considerações, de um indivíduo atomístico separado de seu coletivo por práticas disciplinares e pelo poder pastoral, de um ser humano definido por seus interesses individuais regulados não pela troca, mas sim pela concorrência, como produzir um indivíduo que regula a si mesmo pela economia? Como o sujeito se torna uma empresa? O papel do pensamento Neoliberal Americano, sua via de análise do trabalho e sua teoria do Capital Humano é um dos meios que permitem generalizar a economia para espaços que antes ela não pertencia.

A economia política clássica sempre indicou que a produção de bens dependia de três fatores: a terra, o capital e o trabalho (FOUCAULT, 2008a p.302). Contudo, nas obras de Smith e Ricardo a análise do trabalho se reduzia a questões quantitativas e sobre o controle do tempo. O que queriam os Neoliberais americanos era enxergar o trabalho por uma variável qualitativa que foi desconsiderada: o empregado. O que vai interessar aos

Neoliberais são as modulações do trabalhador, suas escolhas, suas decisões tomadas para fins e meios ótimos para atingir um objetivo: a produção de capital.

Por que as pessoas trabalham, para esses neoliberais? Elas trabalham porque querem dinheiro! Uma renda que é proveniente do capital. Esse Capital provém do uso de si, de suas competências de gerar esse dinheiro. Os trabalhadores não vendem a força de trabalho, conforme tinha proposto Marx, o que os trabalhadores vendem é a si mesmo. Eles são sujeitos econômicos indissociáveis de sua capacidade de produzir, eles são Capital Humano. Esse novo *Homo Oeconomicus* é o indivíduo prescrito e desejado pelas novas organizações do trabalho,

Nesse sentido é que a teoria do capital humano (construída entre os anos 1960 e 1970) quer ser uma análise concreta do trabalho ao entendê-lo como conduta econômica racionalizada calculada por aquele que trabalha. (CANDIOTTO, 2011 p.480). Ao mesmo tempo, produzem diversos saberes para realizar mudanças subjetivas nos trabalhadores, para que esse indivíduo avalie seus campos da moral, da família e da política por uma lógica de concorrencial de mercado.

O novo *Homo Oeconomicus* é uma utopia neoliberal, ele é o reflexo de seu governo: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gênesis 1:26). Essa nova concepção de agente econômico equivale o indivíduo a uma empresa, uma empresa de si mesmo. Empreende sobre si, sobre sua subjetividade, guiado por uma lógica custo e benefícios e concorrência de mercado. Esse indivíduo é essencialmente responsável por tudo o que lhe acontece, ele acredita que depende apenas do seu mérito e de suas escolhas individuais para prosperar.

Sendo assim, especializar-se, graduar-se, fazer um MBA, falar outros idiomas, fazer exercícios regulares, preocupar-se com a saúde, com sua qualidade de vida são investimentos em capital humano. Casamentos passam a ser um contrato entre empresas que potencializam ou atrapalham esse capital. Os resultados dessas empresas precisam de investimentos, pois o tempo que passa ensinando seus filhos e a nutrição que os dá, bem como quanto gasta em educação e cultura vão importar no desenvolvimento de competências desse futuro empreendedor. Mas é importante que se veja bem os potenciais inatos de sua esposa ou marido, pois a carga genética é o que vai definir quais investimentos são de risco, e quais não são.

Supomos que determinados tipos de sujeitos e modos de habitar o mundo são produzidos a partir dos regimes de verificação e jogos de forças, podemos ver nesses saberes disciplinares a exemplo dos estudos cognitivos da Tomada de Decisão dos

Economistas na década de 70, na concepção Qualidade de Vida; na literatura da autoajuda e dos Coachs, nos discursos institucionais das gestões de pessoas e inclusive nas medidas socio-educativas (RANIERE, 2014 P.68); produções que convergem para o Empreendedorismo como caminho a ser seguido. A própria concepção Americana de Economia como a ciência do comportamento humano produz efeitos nos regimes de saberes que se baseiam nossas ciências, de como passamos a entender os sujeitos e intervir neles.

O *Homo Oeconomicus* é aquele que é proativo, inovador, que vê oportunidade de negócios em todas as possibilidades (casamentos, crimes, trabalho, vida) cujas suas respostas são sempre sistemáticas, jamais aleatória. Ele pode ser governado porque ele é flexível as mudanças e as variáveis do meio, ele se subjetiva como *Homo Oeconomicus* quando ele “aceita (livremente) essa realidade” (FOUCAULT, 2008a p. 369). Pode ser gerenciando (por si e pelos outros) uma vez que, como estratégia biopolítica, o controle é internalizado por cada um de nós. (MORO & AMADOR, 2015).

Como consequência desses investimentos de produção de subjetividade implica mudanças na experiência do viver e trabalhar:

[...] Todos passam a concorrer entre si até mesmo fora do local de trabalho ou de questões relativas às carreiras de cada um; todos passam a conferir crescente atenção às ideias de inovação, empreendedorismo e marketing pessoal, entre outros termos próprios ao mundo corporativo; as instituições estatais e públicas passam a ser guiadas por objetivos e métodos outrora confinados ao mundo dos negócios; em suma: tudo passa a tomar a forma da empresa capitalista neoliberal. (SANTOS, 2013, p. 156)

Podemos ver que o propósito de Michel Foucault não era análise da Economia como uma ideologia ou uma doutrina econômica, mas como um modo de governo, um novo modo de ser, pensar e agir. (READ, 2009) Nesse ponto, se tomamos um desvio da experiência do trabalhar e os processos de subjetivação que a alteram, foi para discutirmos os diferentes modos que, na história da humanidade nos governamos e somos governados, para entendermos o que está em jogo na nossa gestão da vida cotidiana no trabalho. Contudo, se é por relações de poder e jogos de verdade que os indivíduos são feitos sujeitos, devemos acreditar que não existe poder sem resistência.

A leitura da obra Foucaultiana nos auxilia em uma ontologia crítica do presente, enunciando os limites que nos são historicamente impostos, para irmos além deles (Foucault, 1984b). Após esse processo de imersão, teórica passaremos para a discussão de um empreendedor de si conhecido como João e de como podemos repensar nossa escuta e intervenção a partir dos conceitos aqui levantados.

2. Diário de Campo de um estagiário: Escuta de um servidor público na equipe de saúde

“A economia é uma ciência do comportamento humano, a ciência do comportamento humano como uma relação entre fins e meios raros que tem usos mutuamente excludentes” G. Becker⁴

[...] Onde os homens sejam pessoas livres, o capital humano não é um ativo negociável, no sentido de que possa ser vendido. Pode, sem dúvida, ser adquirido, não como elemento de ativo, que se adquire no mercado, mas por intermédio de um investimento no próprio indivíduo. T. Schultz, 1973,

“Uma das grandes contribuições recentes da análise econômica foi aplicar integralmente ao setor doméstico a quadro analítico tradicionalmente reservado a firma e ao consumidor. [...] Trata-se de fazer do casal uma unidade de produção ao mesmo título que a firma clássica. [...] De fato, a que é um casal, senão o compromisso contratual de duas partes para fornecer inputs específicos e compartilhar em determinadas proporções os benefícios do output dos casais?” Jean-Luc Migué.

“[...] o economista distingue as atividades criminais das atividades legítimas com base unicamente no risco que corre. As atividades criminais são as que fazem o indivíduo que a elas se dedica correr um risco particular: o de ser detido e condenado a uma pena (multa, prisão, execução)” F. Jenny sobre Stigler e Becker³.

“A Economia é o método; o objetivo é mudar o coração e a alma.” Margaret Thatcher.

“... Ontem eu e minha supervisora conversamos sobre uma situação de um servidor que não estava indo bem em seu estágio probatório. A chefia estava preocupadíssima, pois vê que ele não tem o perfil para trabalhar onde trabalha. Ele ingressou na empresa como assistente administrativo, cargo que é bem versátil. Foi-lhe sugerido o Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC), por estarem com falta de pessoal e terem uma vantagem na carga horária e financeira: não precisam cumprir às oito horas diárias com uma hora e meia de intervalo, e sim seis dias de seis horas e quarenta e quatro minutos, mais benefícios salariais. Mesmo assim, não estava indo bem, então o pessoal do Acompanhamento Funcional (as pessoas que trabalham “lá em cima” na Gestão de Pessoas) encaminharam para nós. Ele ia ser um dos meus primeiros atendimentos.

Quando algo não vai bem, imagino o que esse pessoal do *Call Center* passa, pois sentimos necessidade de sermos escutados em nossas insatisfações, nem que seja para

⁴ Gary Becker e Theodore Schultz(1973) foram os percursores da teoria do capital humano que possibilitou a extrapolação do Modelo *Homo Oeconomicus* para a psicologia. Essas citações, com exceção do discurso de Margareth Thatcher, são discutidas por Foucault no Nascimento da Biopolítica (2008) na aula de 14 de março

reclamar para quem não tem culpa. Nesse contexto, ligo para João, 36 anos para termos a primeira conversa. Foi “sugerido” para ele na avaliação do estágio probatório a psicoterapia. No meu serviço não fazemos a psicoterapia, mas sim acompanhamento de tratamento e a primeira escuta para ver se o funcionário tem essa demanda, e então encaminhamos para os psicólogos conveniados com a empresa.

Vou até a recepção, encontro algumas pessoas com uma camiseta “Eu Sou a Empresa”. Chamo João que me acompanha bastante fechado:

Valmir: E então, João, o que te traz aqui?

João: Bem, eu vim aqui conforme foi sugerido. Eu tenho me incomodado bastante com as pessoas que ficam ligando para nós, são pessoas sem instrução, pessoas ignorantes, tento explicar as coisas para elas e elas não me escutam. Fui mal no meu estágio probatório, mas tudo bem, ainda faltam algumas competências que preciso aprender e ninguém do meu setor tira mais que 70 na primeira avaliação do estágio probatório, fui um pouquinho a baixo, mas dá pra recuperar.

Nesse momento me lembro do conteúdo da conversa e de que tipo foi o pedido para que eu intervisse: ele não tinha aceitado a sugestão de trocar de setor, e eles se preocupavam muito com o fato dele um dia gritar com alguém, pois podia resultar em um processo. Seria melhor se ele fosse para um lugar que não atendesse público, ficasse na dele, enfim, era isso que sugeria a chefia.

Valmir: Me fale mais sobre seu trabalho— curiosamente naquele ano e no próximo, atendi várias pessoas desse local.

João: Olha, ele é bem tranquilo, mas é bem rigoroso com horário, temos algumas telas no computador que precisamos preencher e precisamos saber de tudo um pouco, pois precisamos dar a informação precisa para o cliente e encaminhar o pedido dele para o setor certo, para ver se conseguimos solucionar. Temos um monitor maior, que todos temos visão do controle da nossa meta, que é em média em 1 min e 36 por atendimento. Mas aí as pessoas não entendem o que tu fala e depois tu és chamado para falar com o supervisor, ficam te escutando na linha ou até te chamando para um canto falar com outra pessoa. Nosso salário tem uma remuneração variável, e de acordo com essa meta recebemos parte do lucro da empresa. O problema é que os outros setores não fazem nada, a gente cria um monte de registro e ele não serve...

Soube de algumas coisas que organizavam seu trabalho entre elas que tinham horário para ir ao banheiro (apenas quinze minutos durante as seis horas e quarenta e quatro de trabalho) e que às vezes atendiam em média 60 pessoas por turno, podendo ser superior a 120, quando há problemas na cidade. E sua extrema intolerância com atrasos.

Valmir: Mas me conta, e o serviço de atendimento aos clientes, como que foi isso?

João: Olha me sugeriram quando eu entrei. Sempre tive dificuldade de falar com pessoas, preferia ficar na minha, sair com os amigos de vez em quando, sou mais fechado, gostava de desenhar mesmo. Mas aí vejo meu amigo indo bem, já é o segundo concurso que ele passa e ele tem uma empresa por fora. Na faculdade agente vê bastante, que o teu próximo sócio pode ser aquele cara que tu conhece na rua, que tu tens que ser simpático, pró-ativo...

Valmir: Proativo?

João: Sim, proativo. Li muito sobre isso. Dai quando me falaram do quanto eu ia ganhar, e, além do mais, que eu ia poder desenvolver as competências que preciso, porque esse trabalho é provisório, o que eu quero mesmo é ser Engenheiro, ter minha empresa. Eu estava no segundo semestre e ganhava 1300 reais, imagina se eu sou um dono de empresa que nem era o meu chefe lá. Mas precisa ter contatos, *Networking*, proatividade e desenvolver essas coisas que me faltam. O problema é as pessoas que ligam são mal-educadas conosco e não entendem as nossas informações. Não tem como não se abalar né, não tem como separar, ah a partir de agora “eu sou João” e agora eu “sou a Empresa”, eu tomo isso pra mim e meu dia já fica horrível. Mas não é sempre assim, tem dias bons. Mas eu vim aqui, Valmir, por que me falaram que tinha Psicoterapia e queria saber como funciona. Tenho esperança que com essas técnicas e mais meu trabalho, vou conseguir falar com as pessoas, mas é sempre complicado, eu tenho que ficar explicando o que eu tô falando e elas não me entendem. “Acho que com a psicologia vou conseguir me manter no trabalho, foi só uma nota ruim...”.

3. Clínicas do trabalho como desvio:

A concepção da Biopolítica vai ser uma ferramenta importante para pensarmos o processo de subjetivação no trabalho, por sua herança massificadora e individualizante do poder pastoral: a totalização que diz respeito ao controle dos fluxos vitais e à individuação, que, por processos de normalização e modelação impelem alguém a se reconhecer a partir de uma identidade não criada por ele, tal qual o sujeito-empresa. (CANDIOTTO, 2011). Trata-se de um indivíduo competitivo, que regula a si e aos outros com base nos seus próprios interesses individuais.

Nessa competição, o próprio espaço de trabalho vai ser pensado, planejado e esquadrinhado para que todos possam vigiar e competir com cada empresa-trabalhador, inclusive, através de recursos digitais, como no exemplo do monitor das metas de João. Não é a toa que Foucault (1975) analisava o Panóptico de Bentham como principal recurso da sociedade disciplinar. E não é a toa, também, que agora quem regula o tempo e o trabalho dos outros são os próprios colegas.

Sobre o trabalho de João e de toda organização do trabalho no contemporâneo, podemos notar a presença de lógicas distintas e coexistentes. Assim, temos a presença da chamada gestão flexível do trabalho através uma doutrinação subjetiva (palestras, disciplinas na faculdade, estratégias da gestão de pessoas, metas coletivas, discursos sobre inovação e excelência) e, simultaneamente, lógicas fordistas disciplinares de controle do tempo, vigilância e sanções. Frente a essas coexistências, seria o processo massificante das metas coletivas e a análise do desempenho individual uma incongruência ou uma reatualização do poder pastoral na gestão empresarial?

Mesmo assim, diante dessa série de estratégias planejadas no controle da conduta, pela organização do espaço, pela produção de identidade, pelos regimes de saber; elas, de alguma forma, "falham" em João, requerendo a necessidade de se recorrer aos dispositivos de regulação e vigilância externos. João tem uma conduta imprevisível e por isso, se acionam dispositivos de segurança na empresa.

E aí, entra a psicologia, entra o Valmir e seus colegas. Os psicólogos do trabalho, ao longo da história tiveram diversas inserções: tinham, inicialmente, função de achar o indivíduo correto para o seu lugar certo, tradição da Psicologia Industrial, até a passagem para Psicologia da Organizacional, que tenta organizar o trabalho para fazer a máquina-

empresa funcionar. Em nossas discussões do grupo n-pista(s)⁵ coloca-se agora, questionamentos frente a emergência de uma Psicologia da Gestão, uma *Governamentalidade* Empresarial (Souza, 2013) baseada numa pedagogia do auto-emprego e da motivação, da qual o novo *Homo Oeconomicus* é uma peça importante.

Além disso, é preciso considerar o duplo pedido que as instituições têm dos saberes psi, como uma ciência social normativa tornando os “anormais” dóceis, ao mesmo tempo, uma ciência de promoção de ganhos, reconhecimentos e recompensas em saúde mental e qualidade de vida (ROSA & PUZZIO, 2013), como um meio de validar o *homo oeconomicus* como um ser racional e obediente que governa a si mesmo com certo grau de previsibilidade.

Podemos ver que João é consumidor e produtor do modelo *Homo Oeconomicus*. Mas ele não é o *homo oeconomicus* (e podemos dizer que ele também não é somente João). Se seguirmos as pistas da cartografia sentimental de Rolnik (1989), teremos ferramentas para compreender como operam os movimentos do desejo: por territorializações (identidades), máscaras (*homo oeconomicus*) e por linhas de fuga a partir de acontecimentos, de encontros.

O que queremos dizer com isso? Na história pessoal de João ele foi atravessado por diversas linhas de forças e relações de poder que o direcionam a ser um aspirante-a-empresendedor. Mas algo na singularidade de João, nesse encontro com o trabalho (que deseja esse perfil de pessoa), essa "máscara" falha. Diante disso, esse aspirante-a-empresendedor pode fixar-se ou produzir desvio, colar ou desgrudar nesse modelo. Sabemos que algo opera em João e que ele resiste, ele foge da norma. A tentativa de captura do desejo de João pelo *Homo Oeconomicus* e seu projeto empreendedor não dá conta das dificuldades que enfrenta no trabalho, ainda que ele veja esse como o caminho a ser seguido.

Qual dimensão seria uma dimensão Clínica possível, então? Segundo Benevides e Passos (2001) podemos enxergar nossa prática que segue um *ethós* desde uma posição *Klínikos* e seu sentido de repouso, leito e desdobramento ou optarmos por *Clinámen*, uma clínica que produza desvio, para uma bifurcação de um percurso de vida, na criação de novos territórios existenciais, uma postura ativa no sentido de "inclinarse". Em vez de normalizar, produzir um desvio. É nesse ponto que pensamos as Clínicas do Trabalho como possibilitadoras de linha de fuga.

⁵ Núcleo de Pesquisa em Instituições, trabalho e subjetividade em anali(s) pertencente ao Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia. Este TCC faz parte do projeto trabalho, Subjetivação e Clínica - Análises nos setores da Assistência Social, Justiça e Comunicações

As Clínicas do Trabalho surgem na França por uma tradição diferente da Psicologia Industrial e sua Psicotécnica (CLOT ET AL., 2005), tomando como conceitos fundamentais a distância entre o trabalho que é Prescrito e o Trabalho Real. Nesta distância existe todo um plano de forças produtor de novas possibilidades.

A Ergologia (SCHWARTZ, 2000) e Clínica da Atividade (CLOT, 2010), ambas as abordagens Clínicas do Trabalho, tomam o trabalho pela via da atividade o que implica posicionar o trabalho na esfera de uma renormatização parcial dos meios de vida. Tal renormatização gera um movimento permanente no âmbito dos saberes produzidos no trabalho, produzindo normas antecedentes que são sempre modificadas no recomeço indefinido das atividades (Schwartz, 2000a) e no lastro de um debate de valores.

Trabalhar implica, assim, “dramáticas de usos de si”, como diz Schwartz (2000a; p.44), isto é, envolve a produção de saberes engajados na história concreta do trabalho, dos encontros entre homens e mulheres e o meio de trabalho técnico e organizacional, os quais implicam sempre uma singularidade, já que trabalhar implica a gerir imprevisibilidades e variabilidades.

No momento em que João atende um telefonema, por exemplo, por mais controlado que seja seu tempo e o que ele deve responder, no encontro com o inesperado, com o Real do Trabalho, João se vale de sua experiência, de seu conhecimento e de características que lhe são singulares para criar uma resposta, fonte de um encontro produtor de subjetividade, e, só depois, é que se torna meio a serviço da sua atividade. Trabalhar, neste sentido, consiste em poder se apropriar do mundo, em fazer dele um mundo “para si” a fim de criá-lo (TEIXEIRA & BARROS, 2009).

Em outras palavras, nesse hiato inevitável entre o Prescrito e o Real, o trabalhador opera um coegendramento e produção de si, resultados de um saber emergente das falhas e sucessos das relações de forças prescritas, onde se criam aberturas para outras possibilidades de mundo, onde se opera um debate de valores vigentes, uma invenção e renormatização da vida (SCHWARTZ et al., 2000).

Contudo, segundo Louzada, Barros e Vasconcelos (2014):

[...]Essa aposta pode ser um risco, à medida que tanto pode servir de “prato cheio” para os desdobramentos de modos de trabalhar no contemporâneo, com suas flexibilizações e descartabilidades, como para afirmar uma vida que não pode ser restrita a regras; pode soar com cooptação, mas esse não é o sentido ético aqui adotado a partir dos intercessores que construímos. A invenção, aqui, é tomada como diferente de criatividade e flexibilidade, e sim como uma capacidade do vivo em divergir; como potência à singularização (p. 358)

Enxergar o trabalho como potência significa compreendê-lo tanto pelos seus

processos de captura e cristalizações identitárias, quanto por sua dimensão inventiva de novas realidades. Enxergar o trabalho como atividade é apostar nos movimentos, e intervir onde eles são impedidos. Se o trabalho foi um dos campos privilegiados que a extrapolação do modelo empresa se generalizou para outros aspectos da vida (Foucault, 2008a), talvez pelo trabalho e sua atividade de debate de normas e valores, produzimos diferença.

João, no fim do percurso, aceitou tratamento, pois está inserido em uma lógica do cuidado de si empreendedor, pensando a si mesmo como investimento em capital humano, procurando métodos de aumentar sua eficácia, eficiência e excelência e esperando que a Psicologia o auxilie nisso. Nesse sentido, apostamos justamente pelo contrário, no cuidado de si como prática de liberdade (Foucault, 2001), por um princípio da inquietude permanente que nos afasta de qualquer apelo individualista ou identitário, incitando o desprendimento contínuo de nosso eu normalmente administrado a partir de escolhas já estabelecidas; “identidades que assumimos embutidas de efeito de poder dos quais somos classificados e objetificados de responsáveis ou irresponsáveis, empreendedores ou fracassados, competitivos ou inadaptados” (CANDIOTTO, 2011 p. 488). .

A história de João pode ser entendida como subversiva, pela sua capacidade de enunciar coisas que, muitas vezes, estão naturalizadas, verdades que estão implícitas e que nem percebemos. No entanto, não se questiona o *Homo Oeconomicus*, pois geralmente existe a tentativa de individualizar a questão para aquele que empreende mal, aquela empresa que não deu certo. No fim das contas, diante de diversas tentativas das chefias de retirarem João do local, ele optou por sair, investir mais em desenhos e em música, levar uma vida mais tranquila. Isso também enuncia os limites de uma clínica individual no trabalho, tendo em vista que todos sofriam da mesma racionalidade e o trabalho é sempre uma experiência de ordem coletiva.

O esforço de enunciar essas práticas de saber-poder que criam em nós um *Homo Oeconomicus* não é uma tarefa fácil, assim como não consiste em tarefa fácil perceber quando produzimos desvio no sentido de criação, ou quando operamos pela captura da invenção de um modelo de vida preso em uma liberdade planejada. Mas nem por isso desistamos desse trabalho, pois “um trabalho, quando não é ao mesmo tempo uma tentativa de modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não é muito interessante. (...) Ora, trabalhar é tentar pensar uma coisa diferente do que se pensava antes” (FOUCAULT, 2006 p. 240)

4. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo discutir os processos de subjetivação no trabalho e seus novos arranjos de forças no contemporâneo, a partir de fragmentos e histórias da experiência profissional daquele que escreve.

Vimos no primeiro capítulo um esforço conceitual para situar o leitor de que ponto discutimos as modificações do trabalho propostas por um regime neoliberal de acumulação flexível. Nele, vimos alguns apontamentos que corroboram com a hipótese de que essas modificações se sustentam mediante operação de mudanças subjetivas nos trabalhadores, através de saberes e técnicas que desejam produzir um trabalhador flexível, proativo, comprometido com a racionalidade de mercado.

No segundo momento do primeiro capítulo procuramos ferramentas de como se operam essas mudanças a partir do referencial foucaultiano de disciplina, biopoder e governamentalidade na discussão das diferentes concepções e funções da economia nos sistemas de pensamento da humanidade. Ela passa de um governo da família para o Estado, se modifica como ciência de população e é aplicada no neoliberalismo como controladora das condutas individuais, produzindo um novo *Homo Oeconomicus* competitivo, empreendedor, individualista, governamentalizável e previsível.

Nos capítulos finais, articulamos o processo de imersão teórica com a experiência discutindo de que ponto entendemos uma clínica possível no trabalho, através da conversa em direção a uma escuta genealógica, afirmando a clínica como desvio e como uma prática de liberdade. Tomamos os referenciais das Clínicas do Trabalho que analisam o trabalho enquanto atividade, pois acreditamos que elas nos possibilitam explorar as fronteiras entre trabalho, experiência e dobras da subjetivação, colocando em análise os modos como os trabalhadores vivem o trabalho no enfrentamento das provas do real.

No entanto, algumas discussões com outros autores ficaram de fora de nosso escrito, tendo em vista o foco da discussão trabalho e subjetividade com a articulação com o *Homo Oeconomicus*. Acreditamos haver interlocuções importantes nas obras de Rose, Rabinow, Lazaratto, Negri, Hardt e Agámbem, bem como demais estudiosos da obra de Foucault nos trazendo sempre novas perguntas sobre uma ontologia crítica de nós mesmos. Há de se considerar também as positivas articulações com Hannah Arendt, Deleuze, Guatarri, Baudelaire e outros autores que nos dão ferramentas para acontecimentalizar o trabalho. Além disso, o trabalho de revisão aqui realizado ficou restrito as discussões do período genealógico de Foucault, ficando de fora seus trabalhos anteriores e seus estudos sobre um

éthos do sujeito.

Outras questões que não foram o foco desse estudo, dizem respeito a uma análise da incorporação do modelo *Homo Oeconomicus Neoliberal* nas ciências psicológicas, em especial aquelas usadas em RH, em *coachings*, e, principalmente, na reatualização da psicologia comportamental nos estudos de tomada de decisão, Psicologia Cognitiva e Psicologia Positiva. Muitos dos fundamentos que basearam a teoria do Capital Humano estão sendo modificados, principalmente nas abordagens comportamentais que desenvolveram e ainda desenvolvem, estudos da teoria da motivação, partindo do princípio de que o trabalhador não é reforçado só por dinheiro. Muitos estudos tentam articular o empreendedorismo nas Políticas Públicas, na cultura, sendo direção para novas pesquisas para pensarmos o processo de produção de subjetividade e os impactos no trabalho e na vida cotidiana.

No processo de escrita deste TCC foram encontrados no portal da Capes aproximadamente 241 períodos nacionais e internacionais, tendo com o descritor *Homo Oeconomicus*. Muitos deles são trabalhos desenvolvidos a partir da discussão foucaultiana, artigos, teses e dissertações nas áreas de filosofia, sociologia, administração, psicologia, psicologia social e psicologia social do trabalho. No Brasil, temos visto o crescente interesse sobre o tema na literatura acadêmica brasileira, surgindo, simultaneamente, obras que tentam sistematizar o pensamento do autor ou articular com outros campos teóricos, como foi o caso desse trabalho.

Ainda assim, com esse trabalho não tínhamos como direção obter novas respostas. Neste sentido, essa experiência de imersão teórico-prática nos serve para começarmos a pensar em novas perguntas. Como nos tornamos uma empresa? Mesmo que exista uma vida prescrita, um caminho a ser seguido, seja ele de empresa, indivíduo, polícia ou pastor, no momento em que nos colocamos em atividade, em movimento, podemos produzir com os trabalhadores linhas de fuga daquilo que tenta nos capturar. Essa foi a aposta deste TCC, essa seguirá sendo nossa aposta no exercício da Psicologia

Referências bibliográficas

AMADOR, F. S.; BARROS, M. E. B.. **Cartas a Foucault**: em que estamos em vias de nos tornar em meio ao trabalho no contemporâneo? Mnemonize, Rio de Janeiro v. 7, p. n. 2, 17-31 2011.

AMBRÓZIO, A. **Empresariamento da vida: discurso gerencialista e processos de subjetivação**. 2011. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ANDERSON, P. “**Balanco do neoliberalismo**”. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Orgs.). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, R. **Trabalho** In: CATTANI, Antônio David & HOLZMANN, Lorena (Org.). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 2 ed. Porto Alegre: Zouk. 2011

ARANTES, E. M. de M.. **Escutar**. Pesquisar na diferença: um abecedário, p. 93-96, Porto Alegre: Sulina, 2012.

BAULMGARTEM, M.; HOLZMANN, L. **Restruturação Produtiva**. In: CATTANI, Antônio David & HOLZMANN, Lorena (Org.). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 2 ed. Porto Alegre: Zouk. 2011

CANDIOTTO, C. **A Governamentalidade política no pensamento de Foucault**. Revista Filosofia Unisinos, v. 11, n. 1, p. 33-43, 2010.

CANDIOTTO, C. **Cuidado da vida e dispositivos de segurança**: a atualidade da biopolítica. IN: BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGA-NETO, Alfredo (organizadores). Foucault: Filosofia e Política. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 81-96, 2011.

CLOT, Y. ET al. **Entrevista: Yves Clot**. Cadernos de psicologia social do trabalho, v. 9, n. 2, p. 99-107, 2006.

_____. **Trabalho e Poder de Agir**. Belo Horizonte: Sobrefactum. 2010

DANNER, F. **Biopolítica e Liberalismo: A crítica da Racionalidade Política em Michel Foucault**. Tese (Doutorado em Filosofia). PUC-RS Rio grande do Sul: 2011. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10923/3504>>

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. V. 4. Rio de Janeiro: Editora 34. 1997

- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes, 1975
- _____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.
- _____. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984 a.
- _____. **What is Enlightenment?** In: RABINOW, Paul (Ed.). *The Foucault reader*. New York: Pantheon Books, p. 50 1984b.
- _____. **“Governmentality”**. In: BURCHELL, Graham; GORDON, Colin and MILLER, Peter(Ed.). *The Foucault Effect: Studies in Governmentality. With Two Lectures by and an Interview with Michel Foucault*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, pp. 87-104.
- _____. **O sujeito e o poder**. In P. RABINOW e H. DREYFUS, *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- _____. **O Cuidado com a Verdade**. *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense. Universitária, 2006,
- _____. **O que é a crítica?** (Crítica e Aukflärung). Relatório da sessão de 27 de maio de 1978. In: Brito, F. L. *Crítica e modernidade em Foucault: uma tradução de Qu'est –ce que La critique? (Critique et Aukflärung)*. , de Michel Foucault (35-63). Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005
- _____. **Segurança, Território e População**. Curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. **O Nascimento da biopolítica.**: Curso no Collège de France (1978-1979) São Paulo: Martins Fontes,2008a.
- GIMENES, G. de F.. **Usos e significados da qualidade de vida nos discursos contemporâneos de saúde**. *Trab. educ. saúde*, v. 11, n. 2, p. 291-318, 2013.
- FONSECA, T. M. S.; Neves, J. M.; AMADOR, F. S.; KIRST, P. G. **Dos modos de existência das tecnologias: um trabalho sem fim**. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro v. 20,n. 2,p. 503-517,Dec. 2008 .
- HELOANI, R. **Assédio moral: a dignidade violada**. *Aletheia*, n. 22, p. 101-108, 2005.
- LANCMAN, S; SZNELWAR, L. U. (org.) **CHRISTOPHE DEJOURS: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 3 Ed. Brasília: Paralelo 15. Editora Fiocruz, 2011
- LAPÍZ, N. L. **Acumulação flexível**. In: CATTANI, Antônio David & HOLZMANN, Lorena (Org.).*Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2 ed. Porto Alegre: Zouk. 2011

LOUZADA, A. P. F.; BARROS, M. E. B. de; CARVALHO, S. V.. **Gestão da atividade e atividade da gestão: gestão como desvio.** *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 344-361, Junho 2014.

MORO, C. V. M.; AMADOR, F. S. **O trabalho da gestão: notas sobre poder e subjetividade.** *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 15, n. 2, p. 201-211, 2015.

NEUMANN, H. (1971) **Xenophon's Socratic Discourse: An Interpretation of Oeconomicus** (review) *Journal of the History of Philosophy*, Volume 9, Number 2, pp. 239-243. John Hoppikins University Pres. April 1971

OLIVEIRA, P. A. B. **Trabalho prescrito e Trabalho Real.** In: CATTANI, Antonio David & HOLZMANN, Lorena (Orgs.) *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. 2 ed. Porto Alegre: Zouk. 2011

PASSOS, E. , BENEVIDES, R. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade.** *Psic: Teor. e Pesq.* vol.16 n.1 Brasília Jan. /Apr. 2001

READ, J. **A Genealogy of Homo-Economicus: Neoliberalism and the Production of Subjectivity**”. In: *Foucault Studies*, n.6, p. 25-36, February 2009

RANIERE, E. **A Invenção das Medidas Socioeducativas.** Porto Alegre, UFRGS. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/87585>>. 2014

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental.** São Paulo: Estação Liberdade, 1989

ROSA, P. O.; PUZIO, M. **Governamentalizando o empreendedorismo de si:** como as psicociências fomentam a produção do homo Oeconomicus. *Sociologias plurais*, v. 1, p. 216, 2013.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e Desgaste Mental.** O direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez Editora. 2011

SCHULTZ, T. **O capital humano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SCHWARTZ, Y.; DUC, M. & DURRIVE, L **Trabalho e ergologia in:** SCHWARTZ, Y, DURRIVE, L. (org.) *Trabalho e Ergologia: Conversas sobre a atividade humana.* Niterói, 2007

SCHWARTZ. Y.; (2000a). **A Comunidade Científica Ampliada e o Regime de Produção de Saberes.** *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, n.7, jul./dez .

SANTOS, R. **Economia, Liberalismo e Crítica da Razão Governamental em Michel Foucault.** *Polymatheia-Revista de Filosofia* , Vol. . V, No 8, P. 271-299, Fortaleza 2009

SANTOS, E. A. C. **A economia do poder e o poder da economia – Neoliberalismo e governamentalidade em Foucault.** 2013. (221) f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, 2013.

Soboll, L. A.P. **Assédio moral/organizacional:** uma análise da organização do trabalho. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2008.

SOUZA, D. F. De; **As origens filogenéticas do Homo economicus:** reflexões sobre a evolução do conceito de indivíduo na Economia. In: XVIII Encontro de Economia da Região Sul (ANPEC Sul), 2015, Porto Alegre/RS. Anais do XVIII Encontro de Economia da Região Sul (ANPEC Sul), 2015.

SOUZA, S. P. **Governamentalidade empresarial e saberes ADM.** RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 53, n. 4, p. 400-407, 2013.

TEIXEIRA, D. V.; Barros., M. E. B de. **Clínica da atividade e cartografia:** construindo metodologias de análise do trabalho. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 1, p. 81-90, 2009.

TITTONI, J e NARDI, H. **Subjetividade e Trabalho.** In: CATTANI, Antonio David & HOLZMANN, Lorena (Orgs). Dicionário de Trabalho e Tecnologia. 2 ed. Porto Alegre: Zouk. 2011